Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

ISSN 1808-2599, v. 28, jan–dez, publicação contínua, 2025, p. 1–21.
doi.org/10.30962/ec.3049

Já fumaram em público hoje? Visibilidade, maconha e capital nas imagens da internet

CLÁUDIA LINHARES SANZ
Universidade de Brasília
Brasília, Distrito Federal, Brasil

LUCAS PEREIRA GUEDES
Universidade de Brasília
Brasília, Distrito Federal, Brasil

ID 3049
Recebido em **05.04.2024**
Aceito em **03.02.2025**

/resumo

O fenômeno da visibilidade ganha novos contornos na contemporaneidade e passa a integrar dinâmicas sociais que valorizam a existência do sujeito a partir de sua constante exposição. A partir de uma visada genealógica, analisamos de que modo a imagem canábica integra e impulsiona o ciclo da visibilidade vertida em capital, podendo ser computada, mensurada, acumulada ou até perdida. Assim, ao investigar a relação entre visibilidade e maconha, consideramos que as narrativas acerca da erva parecem encarnar uma espécie de encruzilhada histórica, mobilizando uma significativa complexidade e nos dando a ver processos disjuntivos tipicamente contemporâneos.

Palavras-chave: Visibilidade. Maconha. Instagram. Capital.

Have you Smoked in Public Today? Visibility, Marijuana, and Capital in Internet Images

The phenomenon of visibility takes on new forms in contemporary times and becomes part of social dynamics that value the subject's existence based on their constant exposure. From a genealogical perspective, we analyze how the cannabis image integrates and drives the cycle of visibility poured into capital, which can be computed, measured, accumulated or even lost. Thus, in investigating the relationship between visibility and marijuana, we consider that the narratives about the herb seem to embody a kind of historical crossroads, mobilizing a significant complexity and showing us typically contemporary disjunctive processes.

Keywords: Visibility. Marijuana. Instagram. Capital.

¿Has fumado hoy en público? Visibilidad, marijuana y capital en las imágenes de Internet

El fenómeno de la visibilidad adquiere nuevas formas en la contemporaneidad y se inscribe en dinámicas sociales que valoran la existencia del sujeto a partir de su constante exposición. Desde una perspectiva genealógica, analizamos cómo la imagen de la marijuana integra e impulsa el ciclo de la visibilidad vertida en capital, que puede computarse, medirse, acumularse o incluso perderse. Así, al investigar la relación entre visibilidad y marijuana, consideramos que las narrativas sobre la hierba parecen encarnar una especie de encrucijada histórica, movilizando una complejidad significativa y mostrándonos procesos disyuntivos típicamente contemporáneos.

Palabras clave: Visibilidad. Marihuana. Instagram. Capital.

/autores

Cláudia Linhares **SANZ**

Professora da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com pesquisa no Instituto Max Plank de História da Ciência, em Berlim (2008). Fez pós-doutorado no Zentrum für Literatur und Kulturforschung (ZfL), em Berlim (2017/2018). Atualmente faz pós-doutorado na Universidade de Barcelona (UB). É líder do grupo de pesquisa "Imagem, Tecnologia e Subjetividade" (CNPq).

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

E-mail: claudialinharessanz@gmail.com

ORCID

Lucas Pereira **GUEDES**

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (PPG/FAC-UnB) na linha de pesquisa Imagem, Estética e Cultura Contemporânea. Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (PPG-DCC/Unicamp). Membro do grupo de pesquisa "Imagem, Tecnologia e Subjetividade" (CNPq).

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

E-mail: emaildolucasguedes@gmail.com

ORCID

Introdução: novas relações entre maconha e visibilidade?

> A maconha reativa a memória mais proustiana, o cérebro arcaico, pré-lógico, ela (des) civiliza. Porque a civilização recalca a memória, faz você selecionar a memória e fazer uma imagem de si extremamente construída. E a maconha desconstrói tudo. Você entra de novo em contato com o cosmos, em estado de quase de inocência, de virgindade. E redescobre tudo (Zé Celso *apud* Dias, 2011, [s.p.])[1]

A professora e escritora Maíra Castanheiro tinha quase onze mil seguidores em sua página no Instagram quando teve sua conta banida pela plataforma devido ao conteúdo de posts seus em que compartilhava seu cotidiano, o que incluía textos e fotos relacionados à maconha. Antes, havia perdido um emprego por causa da repercussão de seus textos em redes sociais e em seu *blog Diário de uma mãeconheira* (Castanheiro, 2022b). Sem emprego e sem Instagram, Maíra reinaugura, então, uma nova conta. No primeiro post dessa nova página, ela desabafa: "Eu tô bem desanimada. Perder minha conta com 10,5k é muito chatooo [...] me sinto perdendo minha loja com meus produtos e clientes. Isso aqui tem sido muito mais um local de trabalho e ativismo" (Castanheiro, 2022a). Maíra se questiona: "Se eu perco tanto maternidade e trabalho, qual motivo de eu estar aqui?". E responde a si própria que, mais do que um mero aplicativo para compartilhamento de sua vida privada, considera o Instagram um valioso objeto de consumo em que verte experiências, dores e angústias.

Não são raros os usuários que expõem seu cotidiano como consumidores. Em uma rápida busca no sistema Google com as palavras-perfil "Instagram" e "maconha", encontramos 2,7 milhões de resultados. Se a busca for a partir do descritor "maconheiro", o sistema aponta 41.600 resultados. Nas redes sociais, há perfis pessoais, de ativistas, diários de cultivo, páginas educativas, científicas e de empresas especializadas em produtos à base de maconha. Há, de fato, uma variedade significativa de publicações ligadas ao tema, com motivações diversas e protagonismos distintos. Os perfis dos "maconheiros" declarados variam nos quesitos gênero, raça, classe, orientação sexual e até mesmo em inclinações políticas – algumas vezes, tratando-se de perfis pessoais com pouca repercussão, outras, de propostas mais profissionais, além dos que se apresentam como "influenciadores digitais canábicos". Suas experiências de cultivo e fumo da maconha nas telas rendem *likes*, seguidores, visibilidade e, às vezes, dinheiro.

Os temas e as estratégias para angariar público também são variados, oferecendo todo tipo de informação – "Dez contas que todo maconheiro deve seguir", "Mulheres que falam sobre maconha", "Como levar maconha no avião", por exemplo. Mensagens engajadas na luta, contraculturais, transgressoras, comprometidas com a defesa da saúde pública, movidas por anseios espetacularizados, por cobiças mercadológicas e pelo simples prazer de poder, por meio da maconha, pertencer a uma comunidade. Seja como for, essas imagens parecem fazer parte de um fenômeno relativamente recente no Brasil, proveniente tanto dos avanços da luta em defesa da descriminalização e da legalização do uso da maconha quanto dos avanços de um desejo generalizado de imagem – desejo este que se relaciona, em muitos sentidos, a uma racionalidade tipicamente contemporânea, como veremos neste artigo.

Nas baforadas on-line, as preocupações não são as mesmas que costumavam comparecer nas rodinhas do consumo proibido, fosse em lugares privados ou em espaços públicos. O sujeito "chapado" publicamente na internet está envolvido em uma série de procedimentos técnicos que estão distantes daqueles que se voltavam para driblar a vigilância presencial ou para "entrar em contato com o cosmo" ou fazer uma imagem desconstruída de si, como tratou Zé Celso no texto que utilizamos como epígrafe. Além de promover a experiência, tal sujeito precisa escolher bem seu cenário, a luz adequada, acertar o momento para disparar a câmera e a hora de parar a gravação, testar a edição, elaborar um dizer e, finalmente, postar.

01 Entrevista concedida à revista *Trip* (Dias, 2011).

Trata-se de uma cadeia de cuidados estéticos operada pelos usuários que fumam diante de uma tela: enquadramento e angulação da câmera, movimento da pose, efeito da fumaça, a escolha do som, a expressão de prazer e os olhos cerrados. O que tradicionalmente estava ligado à intimidade dos amantes da "viagem" aparece agora como um evento social mediado por uma infinidade de aparatos tecnológicos.

Amplos deslocamentos e processos complexos de mudanças sociais, políticas, tecnológicas e, sobretudo, subjetivas parecem se relacionar com as imagens atuais em torno da maconha. Sintomas de prováveis mudanças no âmbito da própria experiência de seu consumo encarnam transformações naquilo que atualmente chamaríamos de construção identitária e mobilizam debates acerca de temas como liberdade, individualidade, direitos e crime. A despeito de toda essa complexidade, o que nos interessa neste artigo é investigar como as imagens da maconha integram as dinâmicas sociais vividas e publicadas hoje na internet, participando da constituição de um regime do visível intrinsecamente vinculado ao que poderíamos chamar de uma economia capitalista das imagens.

Nesse movimento, utilizamos aqui peças encontradas de modo exploratório nas redes sociais, em especial no Instagram, colhidas durante a observação de dinâmicas variadas entre fotografias, vídeos, textos de publicações, comentários e "repercussão". Foram selecionadas a partir do acompanhamento, desde 2022, de 936 perfis do Instagram, compreendendo pessoas anônimas, influenciadores, artistas, associações de pacientes, lojas temáticas, mídia especializada, cultivadores, clubes canábicos e profissionais de diversas áreas que atuam no tema. Desses perfis, 36 são estrangeiros, o que nos ajuda na compreensão de outras realidades em que o uso da maconha é legalizado ou autorizado, de acordo com as especificidades de cada país. Os perfis citados diretamente são todos públicos, permitindo que qualquer pessoa cadastrada na plataforma em questão possa segui-los, ver os perfis que eles seguem e que os seguem, todas as suas publicações, verificar informações como foto de perfil, nome de usuário e biografia, compartilhar os links das publicações, entre outras possibilidades (Instagram, 2023).

Trata-se de uma coleta qualitativa de imagens que não objetiva dar conta nem de mensurações nem da totalidade das imagens acerca do tema. Diferentemente, visamos encontrar nelas – e a partir de seu entrelaçamento com o pensamento teórico – possibilidades de reflexões acerca da alteridade das relações entre maconha e visibilidade. Pretendemos, dessa maneira, reunir um conjunto de práticas discursivas em torno do tema para iluminar o jogo sempre em negociação, constantemente esgarçado e recomposto entre dominação e resistência – e tecer, assim, um texto entrelaçando as peças colhidas na rede, utilizando-as como imagens disparadoras de problemáticas, formas de fazer ver a complexidade do contemporâneo. Significa, portanto, optar na escrita pelo tom ensaístico para responder à exigência de duvidar da ideia universal de visibilidade, pensando-a em seus contornos atuais a partir de suas relações com as imagens canábicas.

Cabe elucidar, ainda, que temos como pressuposto teórico-metodológico a perspectiva genealógica, tomando por base a reflexão de autores como Michel Foucault (1982), Jonathan Crary (2000) e Maria Cristina Ferraz (2013). A partir da compreensão da história como um processo descontínuo em que emergem configurações singulares de relações de poder, sentidos de práticas e subjetividades, pensamos as tecnologias, máquinas e enunciados como expressões produtivas que, operando como efeito-instrumentos (Foucault, 1988), não apenas expressam a sociedade que lhes deu origem (Deleuze, 1992), mas também intensificam lógicas, produzem formas de experimentar o mundo, constituem processos de sujeição e subjetivação. Significa, nesse caso, não isolar o fenômeno da visibilidade da maconha na internet, não considerá-lo um objeto autônomo, uma simples decorrência da "evolução" tecnológica ou de uma suposta e progressiva liberação de seu uso. Nossa reflexão objetiva, antes, pensar as imagens da maconha a partir das transformações sociais, políticas e econômicas que flutuam no decorrer do tempo e que a ela atribuem acepções particulares, gerando assim, a partir do fenômeno, um campo de problematização capaz de fazer refletir acerca de suas complexidades e contradições, em suas relações com deslocamentos mais amplos da sociedade contemporânea.

Para tal empreendimento, estruturamos o artigo em dois momentos. Primeiro, com o objetivo de diagnosticar os processos de continuidades e descontinuidades que marcam as atuais *performances* do fumo, analisamos imagens de uma experiência "às escondidas", caracterizada pelo hábito privado e pela mítica da invisibilidade, em contraste com aquelas que circulam hoje nas redes sociais. Em seguida, avançamos no debate acerca de uma forma de visibilidade que se tornou uma espécie de sinônimo de existência, sendo também um imperativo, cada vez mais ubíquo na prática social, vinculado à pragmática neoliberal (Dardot; Laval, 2016). Pretendemos, portanto, pensar de que modo a imagem canábica integra e impulsiona o ciclo da visibilidade vertida em capital, podendo ser computada, mensurada, acumulada ou até perdida.

Do êxtase secreto às *performances* públicas: deslocamento e ambiguidades das imagens canábicas

Uma mulher aparece escondida no banheiro de sua casa, assistindo pelo celular a um tutorial em que um influenciador canábico ensina como enrolar um cigarro de maconha. Senhora rica, branca, mãe de um jovem empreendedor canábico. Sentada com o smartphone apoiado nos joelhos, maconha e seda nas mãos, ela não perde nenhum movimento de seu instrutor na tela do celular, ao mesmo tempo em que tenta confeccionar o que, segundo seu filho, vai fazê-la sentir-se melhor em relação aos efeitos colaterais da quimioterapia. "Agora vou fumar", diz a personagem com o cigarro já pronto, ao mesmo tempo em que o influenciador termina o vídeo desejando aos espectadores uma "boa viagem".

A cena descrita faz parte de um episódio da série ficcional brasileira *Pico da Neblina* (2019), que apresenta as tensões de uma São Paulo em que a legalização do uso da maconha foi aprovada. Nela, a personagem procura um lugar recluso para seguir as instruções do influenciador. Sem prática, experimenta um trago pela primeira vez. Em seguida, tosse, ri, volta a tossir e fuma, repetindo o ato diversas vezes enquanto seu semblante exprime prazer e felicidade, como se uma simples tragada fosse capaz de devolver a ela o bem-estar roubado pelo câncer. Em meio à utopia cinematográfica da erva, alguns elementos parecem pontuar a presença do real na ficção, introduzindo simultaneamente diferenças importantes.

Por um lado, a história de proibição é o que torna a narrativa inusitada, sendo materializada na cena pela timidez da personagem, por seu impulso de fumar às escondidas, confinada no banheiro. Por outro, a São Paulo "liberada" sinaliza não apenas essa espécie de projeto de futuro em andamento, mas também dinâmicas atuais da rede, encarnadas no desembaraço do *influencer* ao ensinar a "bolar um baseado". Mesmo que haja como diferença o contexto de ilegalidade em que se multiplicam as *performances* do fumo realizada pelos "reais" influenciadores e as visualizações de seus seguidores, ambos – tanto na ficção futurística quanto na realidade atual – parecem compartilhar a prática de fazer da rede um espaço de experiência do fumo, tecendo elos entre o uso da erva e gestos de exposição, contrastando de maneira significativa com as relações que tradicionalmente se vinculavam à experiência canábica.

Voltando drasticamente no tempo, encontramos um consumo que, durante milênios, esteve ligado a rituais religiosos, sendo utilizado para fins transcendentais e coletivos, dispositivos de obtenção de conhecimento, elevação espiritual e busca da imortalidade (Saad, 2019). Como analisa o clássico texto do médico francês Roger Dupouy (1912), a utilização de entorpecentes remonta a tempos remotos. A etimologia da palavra maconha é elucidativa nesse sentido: origina-se no quimbundo, língua da família banto falada em Angola pelo grupo étnico Ambundo, e deriva da palavra *ma'kana*, que significa "erva ou planta sagrada" (Cunha, 2019). No Brasil, durante muito tempo também foi considerada uma planta enteógena, uma substância visionária usada para alcançar transes místicos em rituais religiosos, como indica o artigo higienista do médico Rodrigues Dória ([1915] 1928). O cultivo da "planta da felicidade", afirmava o cientista, que causa "delícias dos que a fumam pelo êxtase em que entram", é acompanhado

> de praticas fetichistas, que bem fazem lembrar a celebrada mandrágora da antigüidade. Os mysterios que cercam os cuidados com a planta concorrem para lhe dar mais valor, exalçar as suas virtudes, excitando a imaginação dos ignorantes [...] empregadas pelos "feiticeiros", em geral pretos africanos ou velhos cablocos. Nos "camdomblés" – festas religiosas dos africanos, ou dos pretos creoulos, delles descendentes, e que lhes herdaram os costumes e a fé, é empregada para produzir allucinações e excitar os movimentos nas dansas selvagens dessas reuniões barulhentas. Em Pernambuco a herva é fumada nos "catimós" – lugares onde se fazem os feitiços, e são frequentados pelos que vão ali procurar a sorte e a felicidade [sic] (Dória, 1928, p. 5).

Durante um processo de dessacralização que culminou em sua criminalização, a planta passa a integrar narrativas médicas, jurídicas e policiais amplamente divulgadas nos meios de comunicação da época, sendo frequentemente vinculada à violência, à loucura e à promiscuidade (Cardoso, 1994). Nessa transição, um certo mistério parece ter permanecido, seja pelo caráter místico da planta, seja por sua proibição. Como se sabe, a maconha nunca foi, de fato, banida da sociedade brasileira, permanecendo confinada a certos espaços e grupos sociais e sendo um elemento de hábito "que penetra às escondidas", fumada nos quartéis, nas prisões, nos bordéis (Dória, 1928). O proibicionismo esteve, aliás, relacionado diretamente ao racismo e ao enclausuramento de pessoas pobres e negras, sobretudo as recém-saídas da escravização. Nesse processo, o fumador passou a ser um sujeito à margem, como identificou o agrônomo Francisco Iglésias (1986, p. 48) em um artigo originalmente publicado em 1918 quando diz que o diambista esconde seu vício, "vai fumar às escondidas, não quer que saiba, nega-o sempre que é interpelado".

Nessas literaturas higienistas do início do século XX, bases do movimento proibicionista (Saad, 2019, p. 18), aparecem várias referências a esse fumador solitário, restrito às rodas e a pequenos círculos dos chamados "Clubes de Diambistas". Articulam-se aí a história ritualística e a memória do sagrado com as medidas repressoras, reduzindo o uso da maconha a esferas íntimas e práticas privadas. Algo que aconteceu também na Europa, nos diversos clubes formados por literatos e intelectuais. Na França do século XIX, por exemplo, um grupo comandado pelo psiquiatra Jacques-Joseph Moreau se reunia no antigo Hotel Pimodan, em Paris, para criar seu próprio clube da diamba, o Clube do Haxixe. Esse "laboratório", que contava com a participação de intelectuais como Charles Baudelaire e Alexandre Dumas, seria um dos movimentos que marcaram a disseminação da maconha na Europa.

Como descreveu Theophile Gautier (1987, p. 2), também integrante do grupo, os encontros do clube obedeciam a "uma convocatória misteriosa, redigida em termos enigmáticos compreendidos por iniciados, mas ininteligíveis para outros". Tratava-se de um tipo de experiência envolta em mistério, como descreve:

> Cheguei a um bairro distante [...] Era numa velha casa da ilha de Saint-Louis, o Hotel Pimodan, que o bizarro clube de que eu era membro realizava recentemente as suas sessões mensais, às quais eu ia assistir pela primeira vez [...] Toquei a campainha, a porta foi aberta com as precauções habituais e encontrei-me numa sala ampla, iluminada numa das extremidades por alguns candeeiros. Entrar nesta sala foi como recuar dois séculos [...] Dirigi-me para a parte iluminada da sala, onde várias formas humanas se agitavam à volta de uma mesa [...] O rosto do médico brilhava de entusiasmo; os seus olhos brilhavam, as maçãs do rosto coravam, as veias das têmporas saltavam, as narinas dilatadas aspiravam o ar com força [...] "Isto será descontado da tua porção do paraíso", disse ele (o médico), entregando-me a dose a que tinha direito (Gautier, 1987, p. 2-3).

Esta citação nos serve, aqui, para compreender que, embora o consumo da planta não fosse totalmente secreto, havia algo que dependia de discrição, de sua excepcionalidade e de um certo recuo do espaço público. O encontro, invisível para a maioria, funcionava como rito burguês, liturgia e privilégio de iniciados, esfumaçado por uma aura de mistério e agitação. Não por acaso, para Baudelaire (2003, p. 111), o haxixe seria "impróprio à ação", e "na medida do possível" seria preciso "estar em um belo apartamento ou

uma bela paisagem. Um espírito livre e desimpedido e alguns cúmplices cujo talento intelectual se aproxime do seu; um pouco de música, também, se possível".

Diferentemente do caso brasileiro, essa elite de pensadores e eruditos brancos não se reunia nos fundos de suas casas. Suas experiências e alterações de comportamento, longe de serem motivos de prisão, tinham fins científicos, sociais, artísticos e até existenciais, vindo a ser, para muitos, o principal tema de seus futuros textos literários e estudos teóricos. Para eles, a substância, como explica Baudelaire (2003, p. 23), qualificava seus cérebros para uma "efervescência da imaginação", uma "maturação do sonho", um "parto poético". Era uma espécie de "verniz mágico" que colore a vida, "colore-a com a solenidade e aclara-lhe toda a profundeza" (Baudelaire, 2003, p. 31) e os capacitava a "meditar sem cessar em meio ao turbilhão da grande cidade" (Baudelaire, 2003, p. 93). Uma abertura perceptiva, tal qual Walter Benjamin (2006) testemunhou. Adepto de seu uso para fins filosóficos, o autor dizia que, sob seu efeito, entravam em ação gênios de natureza diversa: "um gênio da profunda melancolia" e "outro da espiritualidade alada" (Benjamin, 2006, p. 394). Nas descrições de Benjamin, o sonho e o êxtase provocados pelo haxixe tinham em comum a manifestação de um "mundo de singulares afinidades secretas" (Tiedemann, 2006, p. 18) – uma abertura que, para o pensador alemão, deveria ser mantida, sempre que possível, em segredo, "trancada no seio da família", como solicitou em carta para seu amigo Gershom Scholem (Benjamin, 2006, p. 144-145).

Colocados lado a lado, os relatos do uso da maconha com que temos contato pela história da literatura, pela filosofia e pelas narrativas médicas nos possibilitam ver a amplitude das transformações históricas que temos vivido desde a modernidade. Confrontadas com as imagens de hoje, nos surpreendem: o que se teria passado entre as experiências do consumo às escondidas, da vivência proibida e marginalizada, e aquelas que hoje colorem as redes sociais, exibindo *performances* do fumo? De fato, as imagens do consumo solitário e íntimo, partilhado com cúmplices de grupos segregados, revelam espécie de contraste histórico quando colocadas diante das imagens atuais, submetidas às regras das redes sociais, compartilhadas com público potencialmente infinito e, muitas vezes, anônimo. Discrepância que aparece também quando pensamos acerca dos sentidos das práticas íntimas do fumo, de seus procedimentos de invisibilidade para escapar das armadilhas do poder, de seus vínculos com vivências transcendentes, da perspectiva de que seu uso movimentava atenções experienciais da realidade. São sentidos que parecem se distanciar, cada vez mais, do vínculo que ocorre hoje na internet entre fumo e procedimentos exigidos por uma exposição controlada e performática. Deslocamento capaz de atribuir qualidades inéditas à prática de fumar diante de olhos alheios: mais do que isso, de introduzir a esfera da visibilidade como parte importante, quem sabe fundamental, da experiência canábica.

Na avaliação dessas mutações históricas, cabe considerar a existência de fatores complexos e contraditórios. Compete observar a luta pela legalização da erva, além das conquistas contra racismo, preconceitos e estereótipos, capazes de provocar eventos de ampliação das condições do uso, como a decisão do Supremo Tribunal Federal (Richter, 2024), que, em junho de 2024, descriminalizou o porte de maconha para consumo pessoal no Brasil, a depender da quantidade da substância. Deve-se igualmente levar em conta o quanto os movimentos de luta por direitos humanos contribuíram para a visibilidade do tema, quando passaram a incluir em suas pautas aspectos relacionados à legalização da maconha, compreendendo o vínculo de sua proibição à constante violação de direitos, ao aumento das mortes relacionadas à ação policial e ao encarceramento em massa, sobretudo de corpos negros. Perceber, como a colocação do debate na esfera pública responde à urgência de transformar estruturas sociais, instituindo-se como contraponto à forma de controle social essencialmente racista que vem sendo realizada em nome da "guerra às drogas" e que faz com que 68% dos réus processados por tráfico sejam ainda pessoas negras, como mostram dados recentes (IPEA, 2023).

Vale perceber a complexidade desses deslocamentos expressos no aumento significativo de perfis ligados à maconha sem deixar de considerar a convivência de fatores diversos, por vezes díspares, numa ambiguidade como a que encontramos em séries ficcionais como Pico da neblina, mas também em imagens que circulam nas redes, como as publicadas por Lívia Oliveira, a Transcanábica (2023). Como em geral fazem as *performances* do fumo, Lívia repete o modelo: em um dos posts de seu perfil, dá um trago no cigarro canábico, soltando em seguida farta baforada na lente do celular – tudo isso enquanto anda pela rua, maquiada com blush marcado, sobrancelhas bem delineadas, sem deixar de fixar seu olhar na câmera: "não tenho vergonha, não tenho vergonha, sou a travesti que gosta de fumar maconha" é o refrão da música do seu *post*. Na segunda tragada, prende o cigarro na boca de maneira delicada e mexe no cabelo deixando à mostra suas unhas tratadas. Mantendo o passo, solta novamente a fumaça, sem deixar de olhar fixamente a câmera, segurando o celular com a outra mão, sempre em ângulo de cima para baixo, para que seu rosto não seja distorcido. Ao fundo, um pedestre passa sem perceber sua presença.

Chamam atenção as ambiguidades da imagem veiculada pela "primeira consultora canábica trans negra". No quadro, a legenda: "já fumaram maconha em público hoje?" (Transcanábica, 2023). O verbo em terceira pessoa do plural indica que o chamado para desafiar a lei é coletivo. "Vocês" é a pessoa que aparece subtendida no questionamento. A essa audiência, o letreiro solicita "engajamento" – para usar termo de que o mundo empresarial se apropriou e colocou em voga na internet.[2] Curiosamente, entretanto, a imagem da Transcanábica é apenas autorretrato, e, apesar de o gesto desobediente ser realizado em plena rua, à luz do dia, ele não endereça sua convocatória à exposição na esfera urbana ou no espaço público. A Transcanábica, aliás, não interage com a cidade, não há "nós" nem "vocês" ali, na urbe: ao passar por duas pessoas que não parecem perceber a subversão, ela também as ignora. Há, entretanto, "nós" e "vocês" na rede, encontro que acontecerá, legitimado pela transmissão (*in loco*), no espaço privado do aplicativo. Talvez por isso seu olhar esteja fixo na câmera de seu celular, que ela leva até "eles" – ponte para "seu público" e, simultaneamente, espelho por onde vê apenas a si mesma: através dele verifica seu rebolar, estuda seu gesto, organiza sua conduta (ou sua contraconduta). Olha e se olha, sempre através da tela: controla a cena. Tudo parece ser como se o jogo das imagens autorizasse a transgressão, mas a submetesse às regras da visibilidade, em que nem os jogadores são exatamente aqueles que estão na rua ao lado de Lívia, nem os regulamentos organizadores são os que ela infringe.

Como veremos a seguir, a visibilidade hoje é imperativo que parece trabalhar para subordinar tais dinâmicas sociais, espécie de novo solo moral "que instaura de maneira generalizada a premissa de que se ninguém vê alguma coisa é bem provável que essa coisa não exista" (Sibilia, 2008, p. 111). Assim, o ato de desobediência civil que defende a Transcanábica e que reafirma tanto sua luta identitária quanto sua luta pela legalização, existe na imagem, fruto de um desejo de subversão sendo, simultaneamente, desejo de adesão e integração na economia da visibilidade. Enquanto desafia a proibição, endossa a ideia de que nada deve ficar invisível nos dias de hoje. Ao mesmo tempo que convoca aliados para sua luta, avaliza sua transgressão aos mecanismos de engajamento da rede. Enquanto viola normativas, intensifica a "ética" da exposição e os dispositivos da visibilidade.

02 O uso comercial do termo *engajamento* para tratar das relações entre audiência e público, de um "alinhamento" entre pessoas e empresas é bastante emblemático das formas pelas quais a racionalidade empresarial esvazia o sentido político de termos e práticas, importando-os de outras esferas sociais para reutilizá-los, ressignificando-os a partir de lógicas econômicas – ou, como indica Pablo Bastos (2020), segundo o espírito do capitalismo. Nesses contextos, o termo *engajamento* transita em enunciados de marcas, instituições e pessoas, aparecendo como sinônimo de performance metrificada, tornando-se uma espécie de jargão difundido até nas análises acadêmicas, mostrando a "efetividade histórica" dessa corrente de pensamento dominante (Gramsci *apud* Bastos, 2020).

Maconha, visibilidade e as lógicas capilares do capital

> Para os *haters* que aí ficam reclamando [...] vou deixar meu pix na descrição [...] Para reclamar da divulgação que eu faço aqui, você tem que, no mínimo, me dar a renda que essa divulgação está me dando [...] porque realmente desanima, você fala "Pô, tô criando conteúdo aqui pros caras e como?". Não ganho porra nenhuma no canal, esse é o papo. Nenhum centavo. O canal não é monetizado. O que eu faço aqui é porque eu gosto, tá ligado? Porque as pessoas gostam, porque as pessoas falam que ajudam elas, meus vídeos. Por isso que eu faço. Senão eu não faria, porque não estou ganhando nada com isso aqui. Tem um monte de plataforma, um monte de bagulho, de vídeo que eu posso fazer que vai viralizar, que vai me dar mais retorno, que vai me dar mais dinheiro do que falar de maconha. Eu estou lutando por uma causa [...] (BolandoUmPapo, 2023, [s.p.]).

Este devaneio, publicado no canal do YouTube BolandoUmPapo (2023), foi gravado enquanto o dono do perfil, um homem negro, fuma um baseado dentro de uma kombi. Os assuntos do vídeo são variados: ele fala sobre o pai, da dificuldade da vida e do próprio canal. A maconha, nesse vídeo, não é a protagonista; integra um gesto cotidiano ao mesmo tempo em que parece ser uma peça fundamental para a "autenticidade da performance" diante da lente do celular[3]. Embora compartilhe fatos de sua vida, o *youtuber* não revela nem seu nome nem se, de fato, ganha dinheiro com os vídeos que publica, deixando evidente que se trata também de "ganhar" outras coisas, além de retorno financeiro – como manter a cumplicidade com seu público, capturar "engajamento" dos que apoiam sua causa, enfim, manter sua "visibilidade".

Os posts do BolandoUmPapo não são apenas ferramentas de expressão de seu criador, mas também formas de ele "ganhar a vida", naturalizando lógicas empresariais a partir de seu engendramento em conteúdos pessoais, cotidianos e políticos. Não por acaso, questionamentos como os de BolandoUmPapo e de Maíra Castanheiro são frequentes: "Então, se eu perco tanto maternidade e trabalho, qual motivo de estar aqui? Não consigo pagar minhas contas, ter visibilidade, alcance" (Castanheiro, 2022a, [s.p.]). Se Maíra não consegue pagar suas contas, significa também que seu alcance e sua visibilidade estão sendo perdidos. Nessa cadeia, a "visibilidade" – fundamental para a causa e a sobrevivência econômica – vincula-se a uma presença no mundo que se dá, fundamentalmente, pela imagem, por sua "marca", por suas *hashtags*, pelos *likes* que distribui e ganha, pela quantidade de pessoas que atestam sua existência e seu valor.

É um regime do visível intrínseco ao que podemos chamar de "economia capitalista da visibilidade" – uma forma de funcionamento, gerência, organização, distribuição, circulação, troca, regulação, práxis e "governo" entre elementos variados (Foucault, 2008, p. 126). Tal economia, incluindo as imagens, opera para que a visibilidade se dê sempre da melhor maneira possível – ou, dito de outro modo, de forma instável e cíclica, com vistas a mantê-la como valor móvel e variável. Como nos lembra Marie-José Mondzain (2016), aliás, a própria história da *oikonomia* relaciona-se tanto com a gestão e a administração dos bens e da casa, da oikos, quanto das visibilidades, *ikonomia*.

Tal qual na lógica do capital (Marx, 2013), a visibilidade não circula simplesmente como mercadoria: ela transita, aprofundando e acumulando seu valor em um movimento intrínseco, como descreve a socióloga Nathalie Heinich (2021, p. 5), ao dizer que "a visibilidade é então um valor que pode ser dito 'endógeno' ou auto engendrado: são os meios técnicos de visibilização que, ao mesmo tempo, criam e mantêm o capital da visibilidade, por meio de um movimento circular ou, mais precisamente, espiralado". Segundo a autora, as relações atuais entre imagens e regimes informacionais exigem que a visibilidade seja pensada como

03 Segundo Paula Sibilia (2008), o contemporâneo articula ideias de autenticidade e performance que, tradicionalmente, tinham significados distintos e até opostos. Se o sentido histórico de performance parecia enfatizar a encenação, a autenticidade reivindicaria algo em relação a uma verdade fincada nas profundezas do *self*. Para a autora, essa oposição está, hoje, sendo relativizada, posto que a autenticidade parece não se assentar numa verdade própria da interioridade; em vez disso, essa "verdade" se constrói no plano do visível e no desempenho da performance.

capital no sentido clássico (econômico) do termo, já que "constitui de fato recurso mensurável, acumulável, transmissível, que gera juros e conversível" (Heinich, 2021, p. 3).

A grandeza desse "capital", Heinich (2015; 2021) argumenta, é singular, possuindo, ao mesmo tempo, valor moral – já que se institui como necessidade fundamental, supondo a invisibilidade como antivalor e ofensa ética – e valor de troca – metrificável por meio de visualizações, seguidores, hashtags. Possível de ser computada em números, a visibilidade é passível de ser investida, transferida para parentes, filhos, amigos; é conversível, podendo passar, por exemplo, do esporte à música, da política à indústria da beleza, da luta pela legalização da maconha à defesa dos animais; acumulada, é uma possível geradora de privilégios; é um capital que, segundo a autora, "quanto mais é gasto, mais aumenta" (Heinrich, 2015).

Quando o deputado estadual Eduardo Suplicy assume publicamente, em suas redes sociais, o uso medicinal da maconha, ativa-se um ciclo de reprodução e compartilhamento de imagens bastante sincrônico a esse regime circular do qual estamos tratando. Embora suas narrativas tenham uma importante dimensão política para a legalização da maconha e suas pautas sejam ligadas aos direitos humanos, a imagem de um Suplicy usuário de cannabis parece ser também incorporada ao movimento endógeno e autogeracional da visibilidade, acontecendo na rede primeiramente, mas transbordando para fora dela. A visibilidade, atrelada à defesa da erva no seu tratamento da doença de Parkinson, integra um movimento de ações e reações – sejam daqueles que endossam a luta do deputado, sejam de quem a denúncia – que transborda da esfera política e adentra outras economias.

Não importa exatamente o teor político dos comentários, importa que fazem aumentar o volume da repercussão. Assim, as mensagens de apoio, como "guerreiro" ou "sua experiência vai ajudar muita gente", e aquelas que o chamam de "ridículo" trabalham juntas na manutenção do círculo ilimitado das visibilidades como capital. Círculo este que transborda e atinge rapidamente, no caso dele como figura pública, a imprensa tradicional, com títulos como "Suplicy revela diagnóstico de Parkinson e tratamento com cannabis medicinal" (Sóter, 2023) ou "Preciso de paz, diz Eduardo Suplicy sobre Parkinson e Cannabis" (Mathias, 2023). Além da repercussão na imprensa, seu perfil no Instagram, com quase 900 mil seguidores, passa também a ser inflamado por essas questões, fazendo com que esse ciclo se mantenha sempre em movimento, gerando acúmulos de visibilidade ou, usando chavões atuais, produzindo e mantendo cada vez mais "engajamento" e "impacto".

Um post de julho de 2023, em que Suplicy aborda a regulamentação do cultivo de cannabis, recebeu menos de cinquenta comentários. Já a publicação de uma nota da imprensa em que ele assume o uso medicinal da maconha, de 19 de setembro, recebeu quase setecentas mensagens. No dia seguinte, o vídeo publicado pelo deputado em que ele, ao lado de sua família, fala sobre o apoio que vem recebendo em seu tratamento, contou com quase 1.400 comentários. Suplicy passa, então, a publicar diversas fotos e vídeos em visitas a plantações até que sua conta recebe um aviso de restrição de alcance devido ao conteúdo sobre a planta, o chamado *shadowban*, uma espécie de advertência que restringe a entrega de posts e limita a visibilidade do conteúdo. Ao publicar os *prints* da advertência, o deputado obteve mais de 2.200 comentários.

Esse ciclo, bastante democrático, não "engaja" apenas pessoas públicas. Famosos ou não, todos são socialmente pressionados a alimentá-lo em caráter permanente, já que, da mesma maneira que está sujeito a crescimentos, está suscetível a quedas virtuosas, como no mercado de ações da bolsa de valores. Os quinze minutos de fama prometidos a todos por Andy Warhol tornam-se, assim, mais voláteis e instáveis. A visibilidade, defende Peter Szendy (2017), é sempre já, sempre mais, sendo infinitamente oscilante. Indissociável dos mercados de personalidades (Petters, 2018, p. 81), vive das dissimetrias de "repercussão", seguidores, *know-how*, latitude da exposição da vida íntima etc. Trata-se de uma economia que intensifica deslocamentos importantes nas tradições sociais e culturais e nos modos de configuração da subjetividade, instituindo a injunção da "visibilidade" como peça fundamental para as relações contemporâneas do sujeito com ele mesmo.

Como identifica Joel Birman (2013, p. 49), o código de existência fundado na ideia de reconhecimento como valor essencial está sendo submetido, cada vez mais, a outros códigos, articulados, dessa vez, em torno da visibilidade. Segundo sua perspectiva, vivemos uma descontinuidade decisiva que leva o cogito "Eu existo" a se fundar no registro da imagem, fazendo com que a visibilidade passe a ser um "critério definitivo de existência para o sujeito" (Birman, 2013, p. 53). Na análise de Aubert e Haroche (2013), a injunção à visibilidade também é cotada como elemento produtor de novas economias psíquicas. Essa exigência, sincrônica ao desenvolvimento das mídias e tecnologias onipresentes, vincula a sensação de reconhecimento social a um tipo de avaliação medida quantitativamente em termos de "repercussão", "retorno" e "engajamento" (Sanz; Palatucci, 2024). Não por acaso, tanto a criatividade quanto a vitalidade dos indivíduos são convocadas constantemente com o objetivo de ampliar esse valioso objeto de desejo, o "alcance": que fundo escolher enquanto aperto um cigarro de maconha? Que frases adicionar, com que fonte, em que cor? Colocadas em movimento, táticas e forças são acionadas para manter um lugar sempre precário no ranque gerenciando-o, cultivando-o.

Antes mesmo de o neoliberalismo ganhar a dimensão que tem nos dias de hoje, essa questão já havia sido tratada por Foucault (2008) ao identificar que relações não mercantis estavam sendo analisadas, cada vez mais, a partir de grades de interpretação próprias da economia de mercado. A generalização da forma "empresa" no interior do tecido social, observou o autor, faz com que ele "possa se repartir, se dividir, se desdobrar, não segundo o grão dos indivíduos, mas segundo o grão da empresa" (Foucault, 2008, p. 329). Assim, não estaríamos diante apenas de uma mudança de objetos da análise econômica, mas da implementação generalizada de grades de inteligibilidade "estritamente" econômicas nos mais diversos campos sociais, vertendo também as formas de interpretar o indivíduo, que passa, então, a ser pensando como partícula empresarial.

Nesse sentido, a junção de elementos como a ousadia de expor o hábito de fumar, o *know-how* da erva e a qualidade da performance do fumo, aliada à performance do dia a dia exibida nas redes, fazem-se moedas de diferença, incrementando a visibilidade e alimentando a formação e a melhoria incessante de si como capital. Tais elementos atualizam os papéis sociais elaborados pelas teorias econômicas da Escola de Chicago (Balbinotto Neto, 2023), coadunados ao conceito de *capital humano*, expressando de maneira exemplar a incursão da análise econômica a campos não econômicos (Foucault, 2008). Vistos da perspectiva da inteligibilidade "estritamente econômica", os indivíduos tornam-se, eles mesmos, uma espécie de agregados de investimentos, grãos-empresa, competências-máquina dependentes da incorporação, a todo tempo, de novas habilidades e quesitos para nutrir a dívida infinita que ser capital supõe. Não por acaso, se veem diante da exigência existencial de criar estratégias visando "agregar" valores adicionais para alimentar sua dívida impagável, inventando formas de aparição que os façam levantar (mesmo que como imagem) do fluxo indiferenciado no qual o circuito saturante de informações e consumo coloca todos.

Como Pierre Dardot e Christian Laval (2016) já diagnosticaram, trata-se de uma normatividade homogeneizante que atua em níveis da existência individual e coletiva – um sistema de regras de ação que, realizado por processos de ligações cruzadas, múltiplas instituições e relações sociais, dobra os sujeitos a seu funcionamento, levando-os a adotar essa normatividade como sua própria norma subjetiva. A despeito da "impostura" dos discursos e da rebeldia de agir fora das regras sociais tradicionais, essas atitudes se integram, simultaneamente, às normatividades de um mercado que se instaura como política de governo de corpos e de subjetividades. Assim, por mais estranho que pareça, algumas das imagens ligadas à maconha que circulam hoje na internet não são totalmente diferentes das lógicas hegemônicas das quais trataram Foucault (2008), Dardot e Laval (2016). Nesse princípio existencial da concorrência, todos os elementos são passíveis de serem integrados, e não só a visibilidade, que, gerando mais visibilidade, atua em diferenciais na formação do "*capital humano*". A maconha também pode se submeter à norma, sendo vertida, assim, em moeda e acrescentando valor à visibilidade.

Últimas considerações

Pensar a visibilidade como um fenômeno social a partir da imagem da maconha não é apenas uma variação em relação aos temas normalmente acionados para o debate em torno desse imperativo. Também não é o mesmo que analisar o uso da erva, suas restrições, seus possíveis danos ou benefícios. Com base na perspectiva que aqui apresentamos, o que as imagens da maconha na internet possibilitam perceber é que o sentido atual da visibilidade não está destacado de um diagrama de forças que enfraquece a atenção, a percepção ou a valoração de tudo que não estiver submetido às lógicas econômicas.

O discurso por direitos e pela liberdade e as narrativas identitárias se cruzam em um território espetacular, estruturado por consumismo, competição, fama, dinheiro e avaliação. Quando o sentido de visibilidade é reduzido à sua presença on-line há, em contrapartida, a invisibilização do que não está na rede pronto a se tornar moeda, empresa e valor agregado. Significa não só o achatamento das relações e dos fenômenos sociais a uma chave financeira, mas a naturalização desse processo e a internalização individual do mercado como grade de interpretação que dispara equidades ilimitadas entre diferenças – por exemplo, entre reconhecimento e avaliação, identidade e imagem, visibilidade e valor, transgressão e capitalização.

Analisar essa economia da visibilidade possibilita, no entanto, perceber questões que ultrapassam a identificação da monetização social e subjetiva. As narrativas acerca da maconha parecem encarnar espécie de encruzilhada histórica, mobilizando significativa complexidade e nos dando a ver processos disjuntivos, tipicamente contemporâneos. Disjuntivos porque funcionam a partir de permanentes tensões entre vetores que trabalham para reduzir nossa existência à forma empresa e gestos que pretendem desviar dessas coerções tipicamente contemporâneas. Por um lado, parecem constrangidos por formas de governo sutis que trabalham apropriando-se daquilo que se costumava pensar como subversivo. Por outro, é importante reconhecer: as narrativas acerca da legalização da erva, as denúncias contra lógicas proibicionistas que alimentam o comércio ilegal da planta, os gestos que intentam contracondutas e as atitudes antinormativas são partes das perspectivas que movimentam a realidade. Remontam, assim, a imaginários de luta como aquele que, nos Estados Unidos dos anos 1920 e 1930, enfrentou a intensa e alarmante propaganda da maconha como ameaça à população.

Músicos assumidamente maconheiros, como Louis Armstrong (Rodrigues, 2019), expressavam em suas canções o amor que nutriam pela planta, contrapondo-se à publicidade governamental antidrogas presente nos enunciados fatalistas dos jornais e do rádio (Smoke Buddies, 2020). Vários artistas pelo mundo convocavam sua vida privada para perfurar as narrativas racistas e proibicionistas, bem como para relativizar textos médicos e jurídicos que submetiam a prática do uso da maconha a situações de violência, tornando o usuário ora um delinquente perigoso, ora preguiçoso, ora promíscuo. Tratava-se de contradizer o estereótipo do maconheiro que aproximava – e, às vezes, ainda aproxima – a maconha à criminalidade, à violência aos movimentos de resistência mais periféricos. No Brasil, mais recentemente, músicos que defenderam explicitamente a legalização da maconha em suas letras, como os do Planet Hemp e Gabriel, o Pensador, ganharam projeção nacional e provocaram na televisão brasileira dos anos 1990 o que pode ter sido um dos pontos de reviravolta na imagem da maconha antes de as redes sociais ocuparem o espaço que têm hoje na vida contemporânea.

Com efeito, entre os discursos de artistas famosos cuja licença poética lhes permitiria certa liberdade para falar de maconha e os enunciados que aqui discutimos, parece, de fato, haver mudanças amplas nos regimes sociais, tecnológicos e comunicacionais. São processos de semelhanças e contrastes, continuidades e deslocamentos que nos fazem questionar como as imagens da maconha nas redes sociais avançam rumo a novas liberações e como são digeridas por inéditas dinâmicas de poder. É necessário levar em conta não apenas os aspectos que trouxemos ao longo deste texto, mas analisar, em um momento futuro, quais narrati-

vas atuais contradizem o hegemônico, quais relações estabelecem com as dinâmicas supostas, sustentadas e propostas pelas tecnologias comunicacionais, e de que maneira se insurgem contra estruturas racistas.

São questões que nos levam a refletir sobre os problemas capitais da existência social e individual no hoje – tai como liberdade, luta social, resistência às sujeições a que estamos expostos – e suas relações com a comunicação. Trata-se de indagar, a partir dessas figuras em torno da maconha, se é possível introduzir disrupturas nesse centro de gravidade econômico, social e político que se tornaram as tecnologias comunicacionais e informacionais (Sanz; Ferreira; Souza, 2018). Significaria também problematizar, em outro momento, as possibilidades de introduzir um "fora" no coração da racionalidade neoliberal.

Referências

AUBERT, N.; HAROCHE, C. (Orgs.). **Tiranias da visibilidade:** o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Editora FapUnifesp, 2013.

BALBINOTTO NETO, G. Os 50 anos da teoria econômica da economia da família e as contribuições de Gary Becker. **Site da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul** (FCE/UFRGS), on-line, 15 maio 2023. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/fce/os-50-anos-da-teoria-economica-da-economia-da-familia-e-as-contribuicoes-de-gary-becker/>. Acesso em: 6 set. 2024.

BASTOS, P. N. Dialética do engajamento: uma contribuição crítica ao conceito. **Matrizes**, Niterói, v. 14, n. 1, p. 193-220, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i1p193-220>. Acesso em: 2 nov. de 2023.

BAUDELAIRE, C. **Paraísos artificiais:** o haxixe, o ópio e o vinho. Tradução de José Saramago. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Tradução do francês de Cleonice Paes Barreto Mourão. Tradução do alemão de Irene Aron. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BIRMAN, J. Sou visto, logo existo: a visibilidade em questão. *In:* AUBERT, N.; HAROCHE, C. (Orgs.). **Tiranias da visibilidade:** o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Editora FapUnifesp, 2013. p. 47-60.

BOLANDOUMPAPO. Não consigo entender os haters. **YouTube**, on-line, 4 nov. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ENis-0q4sLE>. Acesso em: 24 nov. 2023.

BRASIL. **Maconha:** coletânea de trabalhos brasileiros. Brasília: Ministério da Saúde; Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Sanitária; Oficinas Gráficas do IBGE, 1958.

CARDOSO, A. J. C. **A ideologia de combate à maconha:** um estudo dos contextos de produção e de desenvolvimento da ideologia do combate à maconha no Brasil. 1994. 150 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.

CASTANHEIRO, M. Bundinha terráqueos [...]. **Instagram**, @mairacastanheiro, on-line, mar. 2022a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbXlKVbOfDc/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

_____. Tornar-se mãeconheira. **Bem Bolado Brasil**, on-line, 13 maio 2022b. Disponível em: <https://smokebuddies.com.br/tornar-se-maeconheira/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

CRARY, J. **Suspensions of Perception:** Attention, Spectacle, and Modern Culture. 2. ed. Cambridge: MIT Press, 2000.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2019.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DELEUZE, G. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. *In:* DELEUZE, G. **Conversações:** 1972-1990. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 219-226.

DIAS, O. Fundador do Teatro Oficina dedica sua vida à libertação artística e sexual. **Revista Trip**, São Paulo [on-line], 24 out. 2011. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/ze-celso>. Acesso em: 30 nov. 2023.

DÓRIA, J. R. C. Os fumadores da maconha: efeitos e males do vício. Memória apresentada no Segundo Congresso Científico Pan-Americano, reunido em Washington D. C., a 27 de dezembro de 1915. *In:* MOREYRA, A.; CARLOS, J. (Eds.). **Revista Ilustração Brasileira**. ano IX, n. 98. O Malho, 1928. p. 45-50.

DUPOUY, R. **Les opiomanes:** mangeurs, buveurs et fumeurs d'opium – étude clinique et médico-littéraire. Paris: Alcan, 1912.

FERRAZ, M. C. F. Genealogia, comunicação e cultura somática. **Revista FAMECOS,** Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 163-178, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/13640>. Acesso em: 6 set. 2024.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 3. ed. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Nascimento da biopolítica – Curso no Collège de France:** 1978-1979. Tradução de Eduardo Brandão. Revisão de tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GAUTIER, T. Apresentação. *In:* GAUTIER, T. **O Clube dos Haxixins**. Introdução e tradução de José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1987. (Coleção Rebeldes e Malditos, v. 11).

HEINICH, N. La visibilité, un capital pour les marques?. **Entretien à Comén't Comunication et Entreprise**, on-line, n. 29, 25 set. 2015. Disponível em: <https://medium.com/@xdfouchecour/la-visibilité-un-capital-pour-les-marques-7453a26405f>. Acesso em: 10 abr. 2024.

_____. Da visibilidade: excelência e singularidade em regime midiático. Tradução de Diogo Silva Corrêa. **Labemus**, on-line, 5 maio 2021. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2021/05/05/resumo-de-de-la-visibilite-excellence-et-singularite-en-regime-mediatique-por-nathalie-heinich/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

IGLÉSIAS, F. A. Sobre o vício da diamba. *In:* **MACONHA:** coletânea de trabalhos brasileiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Sanitária, 1958. p. 15-23.

INSTAGRAM [@instagram]. Central de Ajuda. Recursos do Instagram. 2023. Disponível em: <https://help.instagram.com/756440792648838/?helpref=search&query=perfil%20p%C3%BAblico&search_session_id=b870a779683bf32714df393db5890a3a&sr=4>. Acesso em: 29 nov. 2023.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Número de réus negros em crimes por tráfico de drogas no Brasil é duas vezes superior ao de brancos. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, Brasília [on-line], 31 out. 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/14107-numero-de-reus-negros-em-crimes-por-trafico-de-drogas-no-brasil-e-duas-vezes-superior-ao-de-brancos>. Acesso em: 6 set 2024.

MARX, K. A transformação do dinheiro em capital. In: MARX, K. **O capital:** crítica da economia política. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MATHIAS, L. "Preciso de paz", diz Eduardo Suplicy sobre Parkinson e Cannabis. **Veja**, São Paulo [on-line], 29 set. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/eduardo-suplicy-preciso-de-paz>. Acesso em: 30 out. 2023.

MONDZAIN, M.-J. Imagem, sujeito, poder [Entrevista]. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. **Outra Travessia**, dossiê "O monstro à mostra: mostruário", on-line, p. 175-192, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2016n22p175>. Acesso em: 29 nov. 2023.

PETTERS, L. Les figures d'autorité dans la publicité testimoniale. **Communication & Langages**, on-line, n. 198, p. 71-84, 2018. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-communication-et-langages-2018-4-page-71.htm>. Acesso em: 22 out. 2023.

PICO DA NEBLINA: uma realidade alternativa. Direção de Quico Meireles. Gênero: Drama. 2 temporadas, 20 episódios. 2019. Disponível em: <https://www.hbobrasil.com/series/detail/pico-da-neblina/14836/ttl734456>. Acesso em: 11 set. 2023.

RICHTER, A. Entenda a decisão do STF sobre descriminalização do porte de maconha. **Agência Brasil**, on-line, 27 jun. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2024-06/entenda-decisao-do-stf-sobre-descriminalizacao-do-porte-de-maconha>. Acesso em: 6 set 2024.

RODRIGUES, J. Louis Armstrong e a Cannabis: o amor pela maconha ao longo da vida da lenda do jazz. **Smoke Buddies**, on-line, 6 jan. 2019. Disponível em: <https://smokebuddies.com.br/amor-pela-maconha-na-vida-de-louis-armstrong/>. Acesso em: 22 out. 2023.

SAAD, L. **Fumo de negro:** a criminalização da maconha no pós-abolição. Salvador: Edufba, 2019.

SANZ, C. L.; FERREIRA, T.; SOUZA, L. **Educação e tecnologias da imagem:** novas partilhas do olhar?. Brasília: Viva Editora, 2018.

_____.; PALATUCCI, G. Singular e como todo mundo: visibilidade e as pessoas com deficiência. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo [on-line], v. 36, n. 1, p. 261-279, maio 2024. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2024.213802.

SIBILIA, P. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ORGIAS, SATANÁS E INSANIDADE permanente: a propaganda antimaconha dos anos 1930. **Smoke Buddies**, São Paulo [on-line], 30 abr. 2020. Disponível em: <https://smokebuddies.com.br/orgias-satanas-e-insanidade-a-propaganda-antimaconha-dos-anos-1930>. Acesso em: 17 out. 2023.

SÓTER, C. Suplicy revela diagnóstico de Parkinson e tratamento com Cannabis medicinal. **Correio Braziliense**, Brasília [on-line], 19 set. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/09/5126536-suplicy-revela-diagnostico-de-parkinson-e-tratamento-com-cannabis-medicinal.html>. Acesso em: 30 out. 2023.

SZENDY, P. **Le supermarché du visible:** essai d'iconomie. Paris: Les Editions de Minuit, 2017.

TIEDEMANN, R. Introdução à edição alemã. *In:* BENJAMIN, W. **Passagens**. Tradução do francês de Cleonice Paes Barreto Mourão. Tradução do alemão de Irene Aron. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 13-33.

TRANSCANÁBICA. Já fumaram maconha em público hoje? @transcanabica. Stories de Instagram temporário publicado em 1 nov. 2023. Acesso em: 1 nov. 2023.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:
Este artigo é resultado da pesquisa de doutorado intitulada “Imagens Canábicas na Internet: a maconha como moeda de visibilidade”, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (PPG/FAC-UnB).

Fontes de financiamento:
A pesquisa é financiada pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Apresentação anterior:
Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais:
Não se aplica.

Informações apenas para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa:
Lucas Pereira Guedes e Cláudia Linhares Sanz

Coleta de dados:
Lucas Pereira Guedes e Cláudia Linhares Sanz

Análise e/ou interpretação dos dados:
Lucas Pereira Guedes e Cláudia Linhares Sanz

Escrita e redação do artigo:
Lucas Pereira Guedes e Cláudia Linhares Sanz

Revisão crítica do conteúdo intelectual:
Lucas Pereira Guedes e Cláudia Linhares Sanz

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós:
Lucas Pereira Guedes e Cláudia Linhares Sanz

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?
Sim.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?
Não.

Liste os financiadores da pesquisa:
Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?
Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:
Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?
Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:
Não há vínculos deste tipo.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?
Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:
Não há vínculos deste tipo.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?
Não.

Que interferências foram detectadas?
Nenhum efeito inesperado do tipo foi detectado.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:
Não há conflitos de interesse.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?
Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?
Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?
Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?
Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?
Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:
A pesquisa se baseia na observação de imagens e textos divulgados por pessoas criadoras de conteúdo nas redes sociais. Assim, tivemos o cuidado de não mencionar nenhuma pessoa cujo perfil é privado, ou seja, não citamos trechos de publicações de contas fechadas e que só podem ser visualizadas por seguidores.